



## VÍMARA PERES

Guimarães foi fundada no século IX por um corunhês, o cristão e senhor da guerra Vímara Peres. Do seu nome germânico: Vigmar ou Vigmarr, a cidade passou a chamar-se Vimarani, que com o tempo deu em Guimarães. Será esta também a origem de várias aldeias no norte do Minho?

## CRIAÇÃO

Este mês publicamos na secção de criação dois textos do autor Claudio Pato Díaz (Ourense, 1962), tirados de *Como estás?* (Estaleiro Editora, 2011). Antes, Pato escreveu obras como *Se o ruído e o amonal na casa das abellas* (1991), *Libro de Xacobe* (1992) ou *O almoço do pintor de iconos Andrei Ruvlef* (1997).

## CINEMA

Em Cinema, Iván García Ambrunheiras debruça-se sobre a traslago fílmica de romances de temática policial. «Umha das melhores novas que deixou a febre editorial que rodeia o romance negro nos últimos anos foi sem dúvida a reedição dos romances de Maj Sjöwall e Per Wahö», assinala. Com um estilo «ágil, de frases curtas e umha brilhante definição de personagens e ações», estas glosas a atuação de Martin Beck e da polícia de homicídios de Estocolmo.

## TEMPOS MODERNOS

# No tempo das abrótegas

Carlos C. Varela

*Nom há asfódelos, nem violetas, nem  
[jacintos  
como falar com os mortos?  
Os mortos só sabem a linguagem  
[das flores,  
por isso calam,  
viajam, calam, aguentam e calam  
no reino dos sonhos, no reino dos sonhos.*

GIÓRGOS SEFÉRIS, “Estratis o marinheiro entre os agapantos, *Diário de abordo*, II.



Na imagem, abrótegas nas Fragas do Eume / G.U.

**A**brótega, abórtega, abórte-na, abriota, abródiga, abrota, abrótea, abortenha, ouropesa, ou abrótea-da-primavera... som muitíssimos os nomes que na nossa terra recebem os asphodelus, um género de plantas vivazes e perenes que florescem quando a primavera: “quando venhem as abortenhas, vem a erva pró gando”, dim na Laracha; ou “enquanto nom há abrótegas, nom há maragotas”, noutras partes de Bergantinhos. A mais comum na Galiza é, como nom podia ser doutro jeito, o asphodelus lusitanicus. Abundam nos claros das carvalheiras e soutos. O termo “abrotal”, lugar na que há plantadas muitas abrótegas, poderia indicar a existência do seu cultivo no passado.

### Planta de deuses gregos

Mui vencelhada com o mundo da morte, como vimos no poema de Seféris, os antigos gregos colocavam as suas flores nas tumbas dos mortos e mesmo a plantavam, acreditando ser o alimento favorito dos mesmos, empregando-as também em cerimónias fúnebres, já que facilitavam o trânsito dos defuntos aos Campos Elísios, que estavam cheinhos destas flores. Homero chama ao Hades a “pradaria dos asfódelos”, na qual vagavam os espíritos dos heróis mortos na guerra de Troia. À flor das abrótegas chama-se-lhe gamom, cucho, cucha, cucha mona etc... A variação lexical é tam exuberante na Galiza que dentro da mesma paróquia se

acham distintos nomes; assim, dentro de Rus (Carvalho), em Baris fala-se de “cuchas”, e um quilómetro mais adiante, na Canosa, de “cuchos”. À sua longa vara chamam-lhe no Berço pita-cega, e em Espanha vara de Sam José.

### Armamento infantil

Há registados usos das abrótegas de todo o tipo. Longo, no seu romance Dáfnis e Cloé fala-nos de como “ela saia a apanhar dalgumha parte caules de abrótega e tecia gaiolas para os grilos, e entretida nisto, desleixava as ovelhas”. Masus Lopes indica que na Laracha as crianças faziam carros de bois de brinquedo com as cuchas, com o ladriço e o loro feitos de queiroas ou arume. Mas

o brinquedo mais popular relacionado com esta planta é a escopeta, carabina ou arcabuz de bieiteiro; chamado tira-bogas na zona de Bergantinhos, ou tira-racos nas Encrovas e tira-tacos na Estrada. Esvaziando a medula dumha pola de bieiteiro com um arame, fai-se depois umha baqueta com um pequeno cabo, com buxo, tojo ou loureiro. De projéteis empregam-se as bogas –noutras partes “pelhas”–, frutos das abrótegas do tamanho dos chícharos.

### Alimento esquecido

Além dos usos como brinquedos, também estão os mais prosaicos, como o emprego em forma de alimento. Quem mais tem estudado estas propriedades é o etnobotânico basco Daniel María Pérez Altamira. Nos seus trabalhos descobriu que o asphodelus albus era um dos ingredientes da famosa purrusalda junto com o allium porrum e o allium ampelopresum, que, com a modernização, ficou reduzida ao sabor estandardizado do alho-porro comercial. Tóxicas em cru, por mor da toxina asfodelina –que fai aumentar o pulso cardíaco –, cozida desaparece, tendo nas abrótegas um magnífico alho-porro selvagem de sabor mais suave e tenro, que mesmo chegou a vender-se até à década de 50 nos mercados de Donosti. Além da purrusalda –com pataca e cenoura, e um jato de azeite – também se consome em forma de omeleta. No

Iraque, junto com outras espécies, é um dos ingredientes do queijo *iqit*.

### Mais usos

Como alimento também as mencionavam Plínio, Dioscórides e Hipócrates. O que mais detalhes dá é Teofrasto, o herdeiro de Aristóteles: o talo comer-se-ia frito, as sementes assadas, e os tubérculos cortados e cozidos com figos, sob as brasas, para eliminar as substâncias nocivas. Nom obstante, eram um dos alimentos da Arcádia, e davam umha força muscular e inteligência extraordinária. Noutras latitudes, concretamente nas zonas do taoísmo, mesmo se acreditava em que a abrótega roxa concedia a imortalidade. Parece ser que também se fazia com as suas raízes fermentadas umha bebida alcoólica, o qual assinalam também informantes da Galiza, onde, além disso, nos tempos da fome, se faziam com elas um pam mui ordinário. As folhas, cozidas, também tenhem sido dadas de alimento aos porcos. Na Laracha também fôrom utilizadas de mulido, para levar selas de leite ou cestas na cabeça. O dicionário da RAG de 1913-1928 assinala que “o talo, depois de seco, emprega-se para dar luz em caso dos lavradores”. A nível medicinal, em Grécia e em Roma combatiam várias doenças; na Galiza e no País Basco sobretudo contra irritações da pele, esfregando o sumo das raízes sobre as partes afetadas.



EM TEMPOS

# GUIMARÃES, CAPITAL CORUNHA!

Carlos C. Varela

Desde que a União Europeia concebeu a ideia da Capital Europeia da Cultura, várias foram as cidades de fala galega que ostentaram o título: em 1994 Lisboa, em 2000 Santiago de Compostela, em 2001 Porto, e neste 2012 Guimarães. Na web do evento assinaram que “A criação da cidade de Guimarães remonta ao século X, tendo sido aqui que, em 1128, teve origem a fundação da nacionalidade portuguesa e o reconhecimento de D. Afonso Henriques como primeiro Rei de Portugal”. Nada se diz da Galiza com relação à cidade. Nesta terra incómoda, origem “bastarda” dos relatos nacionais espanhol e português, estamos acostumadas ao silenciamento.

Guimarães foi fundada no século IX por um corunhês, o cristão e senhor da guerra Vímara Peres. Do seu nome germânico: Vigmar ou Vigmarr, “famoso na batalha” (vig = batalha, marr = famoso), a cidade passou a chamar-se Vimarani, que com o tempo deu em Guimarães. Será esta também a origem de várias aldeias no norte do Minho? Os Guimarães de Carcacia, Sam Mamede de Riba d’Ulha, Bugalhido, Cabanas e Ordoeste, a sul de Compostela; junto com Guimarães de Batalhães, no arraia-



Na imagem superior, castelo de Guimarães. Na inferior, detalhe da placa em homenagem à cultura luso-galaica, num dos muros da fortaleza

no concelho das Neves?

Vímara Peres teve a encomenda de Afonso III de conquistar para a Galiza o vale do Douro, ganhado aos muçulmanos em 868, tornando-se primeiro conde de Portucale, germolo da independência portuguesa. A sonda deste caudilho corunhês está plasmada em monumentos como o de Salvador Barata Feyo, colocado em 1968 no Porto, ao lado da Sé. Também dá o seu nome à rua que une, sobre o Douro, o Porto com Vila Nova de Gaia.

No século X, Henrique de Borgonha edifica e ocupa o castelo de Guimarães, umas das pedras que mais poderiam falar de todo Portugal. Sobejamente é conhecida na historiografia galega o papel nefasto que para a Galiza significou a indepen-

dência do Condado Portucalense de mãos de D. Henrique: funcionou como um “Estado tampom” para frear o poder galego e esgaçou o território histórico da nação. Assim se lamentava Castela no Sempre em Galiza: “A unidade territorial da Galiza - reconhecida pelo Império Romano e consagrada pelo Reino dos Suevos - estrangulou-se numa luta egoísta e fratricida de príncipes; e em finais do século XI foi repartida em dois Condados: um para Raimundo de Borgonha, casado com Urraca, e outro para Henrique de Borgonha, casado com Teresa. Esta partição despedaçou a potente eclosão do nosso génio”.

Paradoxalmente, hoje, e desde 1988, nos muros deste castelo emblema do divórcio galego-português, pode-se ler numa placa em “Homenagem à cultura luso-galaica”, com sendas frases de Castela e Pessoa: “A nossa língua floresce em Portugal” e “A minha pátria é a língua portuguesa”. Informa Carlos Durão que foi colada pelas Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, no 7 de maio de 1988, em homenagens em que participaram, entre outros, Valentim Paz-Andrade ou Isaac Dias Pardo. Por último, quem visitar a cidade, sentirá na sua arquitetura a pegada dos canteiros galegos, que durante o

Quem visitar a cidade, sentirá na sua arquitetura a pegada dos canteiros galegos, que durante o s. XVIII foram protagonistas das novas edificações.

Felizmente, as vereadoras nacionalistas da Corunha lembraram-se do Vímara Peres, propondo impulsionar a irmandade Corunha-Guimarães, com campanhas sobre a cultura portuguesa na Corunha e atos para tomar consciência do “caráter internacional do galego-português”

s. XVIII foram protagonistas das novas edificações.

Felizmente, as vereadoras nacionalistas da Corunha lembraram-se do Vímara Peres, propondo impulsionar a irmandade Corunha-Guimarães, com campanhas sobre a cultura portuguesa na Corunha e atos para tomar consciência do “caráter internacional do galego-português”.

Vímara Peres teve a encomenda de Afonso III de conquistar para a Galiza o vale do Douro, ganhado aos muçulmanos em 868, tornando-se primeiro conde de Portucale, germolo da independência portuguesa. A sonda deste caudilho corunhês está plasmada em monumentos como o de Salvador Barata Feyo, colocado em 1968 no Porto, ao lado da Sé

No século X, Henrique de Borgonha edifica e ocupa o castelo de Guimarães, umas das pedras que mais poderiam falar de todo Portugal. É bem conhecida na historiografia galega o papel nefasto que para a Galiza significou a independência do Condado Portucalense de mãos de D. Henrique: funcionou como um “Estado tampom” para frear o poder galego e esgaçou o território da nação



Estátua de Vímara Peres, na cidade do Porto



## A FOTO

Maximiliano A. Navarro



**A** 24 de março, milhares de pessoas congregaram-se nas ruas de distintas cidades das Canárias para mostrar a sua repulsa polo projeto da empresa Repsol YPF, que, com o apoio do governo espanhol, e em contra do que opina o canário, quer iniciar prospeções petrolíferas em águas próximas dessas ilhas. A destruição física dos fundos marinhos e de distintas espécies, sobretudo dos cetáceos que criam e se alimentam na zona em que querem começar a extração de petróleo, está entre os argumentos dos opositores. Mas também o risco de contaminação, derramamentos, ou mesmo explosão. Os canários pedem uma aposta nas energias renováveis.

## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de con-  
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a  
criaçom. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e  
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com  
cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e to-  
das estades convidados a participar.  
Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

**C**laudio Pato Díaz (Ourense, 1962) antes escreveu *Se o bruído e o amonal na casa das abellas* (1991), *Libro de Xacobe* (1992), *O almoço do pintor de iconos Andrei Ruvlef* (Xerais, 1997), *Unha vida de traballo nos bosques do cánavo* (Xerais, 2002) e participou nos livros coletivos *Poetas galegos em Madrid* (Ed. do Castro, 2001) e *Xuro que nunca volverei pasar fame. Poesía escarlata*, (Difusora de letras, artes e ideias, 2003). Os textos que achegamos fôrom tirados de *Como estás?* (Estaleiro Editora, 2011).



Claudio Pato

## A estratégia do peixe-sapo e o pensador na peixaria de Jonás o bárbaro 1

um comunal tecido que abriu o texto à claridade precisa  
[para contar  
a nossa história  
umha des-comunal entrega de mercadoria para narrar os dias  
daquelas histórias em que um grande peixe jantava um qual-  
quer  
para lhe recobrar a consciência.  
o melhor foi que o texto nom dizia o que ti querias dizer  
e!  
o melhor  
o des-comunal frio daqueles invernos  
vivia  
mais perto das tuas maos que no champanhe do frigorífico.  
Pois, quer dizer-se que é no comunal onde a claridade rizoma  
[com a ideia  
da dor o ajeitado de pensar o aqui.

## ESCÓLIO a 4d

\* Perguntas-me se é um caso de paciência ou bem de atençom. Se o senhor inglês é um trans-tornado? Um revenant, alguém que continuamente volta e chega de novo. Ou bem, se som eu mesm+ quem sofre um trans-torno logo de acudir fumad+ a umha intervençom deste «calibre» sobre o mesado da cozinha. \*Se + que chega é um outro que chega de nom mui longe? Um outro preocupado polo roce, polo toque, polo peso da violência nas nossas vidas. \*O que trans-torna, procura pensar a açom que fai regressar a um im-possível que deve de se esforça(r)

[no mundo. Entom \*s trans-tornad\*s som a multitude. A multitude dos pelos e das pedras e dos transístores e dos plásticos... tamém. \*Carregar sobre umha o replicante que suplementa a história. \*Por que falas mais arriba dum replicante e dum clinámen, procuras acaso levar a conceito os assuntos que nos trouxêrom até aqui? Em qualquer dos casos seriam múltiplos \*s replicantes assim como múltiplos os clinámenes e de seguro diferenciais. \*Estou aqui, estou aqui, estou aqui... \*Entrárom-che ganas de bailar nalgum momento? Nom mais si de meditar nos corpos que ali se juntárom e tamém de mirar mui atentamente a luz do planeta. Mas de bailar, nom, de bailar nom. \*A gravaçom —a trans-gravaçom— os ruídos; mas \*s replicantes e os clinámenes, assim como \*s operári\*s semelham parte da máquina, da máquina de guerra que procede a trans-tornar a convençom da lei sobre a que gravita a vida. \*Sobre a resoluçom técnica do corte que entre-medeia a gravaçom da trans-gravaçom, nada sabemos. \*Queres dizer que todo o caso oscila entre a produçom e \*s operantes e os meios e o modos com que est\*s últimos produzem o planeta.

[\*Decerto, produzir um planeta. \*Precisamente este planeta.



## LÍNGUA NACIONAL

# Umha língua nom é...

Valentim R. Fagim

**E**stamos num concurso televisivo do tipo umha pergunta com três respostas. A dada altura, a apresentadora olha para o ecrã e lê em voz alta: umha língua nom é... As respostas possíveis som três: Pepino, Comunicação, Identidade.

É habitual usarem-se metáforas biológicas para descrever a realidade linguística. Costuma fazer-se por duas razões básicas, por afã pedagógico e porque sempre se tem feito as-

sim. Este segundo argumento, como sabemos, nom interessa lá muito.

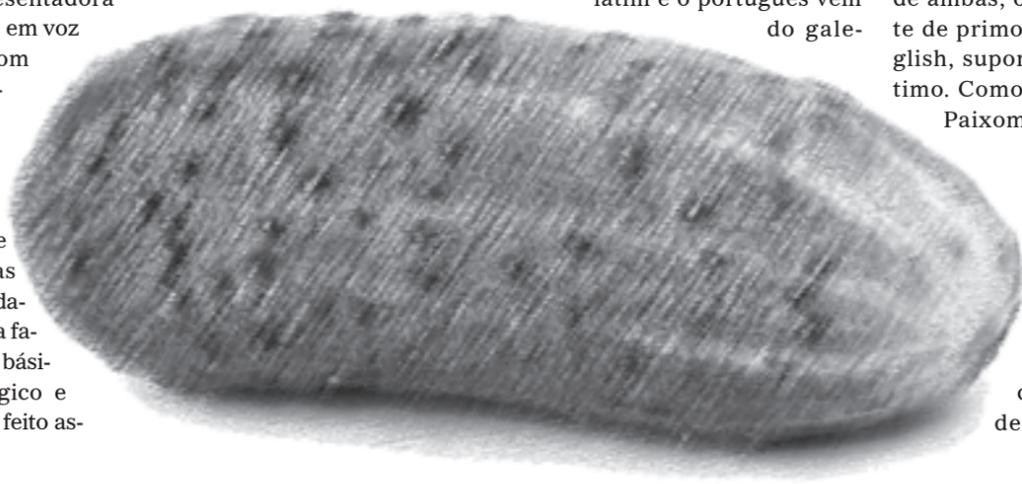
Como as línguas som seres vivos, “venhem” de outro ser vivo, e assim o galego vem do latim e o português vem do gale-

go, o que nom impede que o português e o galego sejam línguas irmãs, o castelhano primo de ambas, o francês umha sorte de primo segundo e o span- glish, supomos, um filho ilegítimo. Como se chama o filme? Paixom de genealogistas.

Outra variante desta metáfora pedagógica gira em volta do ítem “Evoluir”. Da mesma forma que os Neadentais evoluírom de forma diferente

que os Homo Sapiens, com a mesma “naturalidade” e “irreversibilidade”, o galego e o português evoluírom de forma autónoma. De aqui à teologia, auto-estrada sem portagens.

O inconveniente fundamental de confundir umha língua com um pepino é que obviamos que as línguas som realidades sociais, e som as sociedades e as suas elites as que as constroem, nom os genomas. Seja dito de outro modo: umha língua nom é um pepino. Se o que se trata é de pedagogia... é plasticina.



## CINEMA

# Histórias da polícia

Iván García Ambruñeras

**U**mha das melhores novas que deixou a febre editorial que rodeia o romance negro nos últimos anos foi sem dúvida a reedição dos romances de Maj Sjöwall e Per Wahö. Um tanto esquecidas durante um tempo, emergem perante os nossos olhos como um dos pontos centrais de renovação do género por volta do final da década de 1960, de jeito semelhante a como o estava a fazer Ed McBain ao outro lado do Atlântico. Com um estilo ágil, de frases curtas e umha brilhante definição de personagens e ações, estas glossam a atuação de Martin Beck e da polícia de homicídios de Estocolmo. O género torna-se ferramenta de análise social, com que o par sueco remexe no subsolo dessa social-democracia supostamente perfeita para relatar os crimes e conflitos sociais subjacentes. Dez livros, em definitivo, que desenvolvem os personagens ao longo do tempo, e nos quais assistimos ao progressivo desencanto destes com o corpo e com o estado da sociedade.



Na imagem superior, fotograma d' *O polícia que ri* (The laughing policeman, S. Rosenberg, 1973). Na inferior, *O homem no telhado* (Mannen på taket, B. Widerberg, 1976)

O fascínio pola sua escrita e por este monolítico exercício de crítica social exercida através

do romance policial, levam a me interessar pola translação fílmica deste universo. Assim, en-

contro fundamentalmente dous interessantes filmes dos anos 70 (há mais adaptações posteriores, entre elas umha série de TV sueca que leva o nome do protagonista dos romances), em que a temática e os personagens de Sjöwall e Wahlö se cruzam com as novas orientações cinematográficas que toma o género negro nesta época de mudanças. Estes filmes som o sueco *O homem no telhado* (Mannen på taket, B. Widerberg, 1976), e o norte-americano *O polícia que ri* (The laughing policeman, Stuart Rosenberg, 1973). Quer seja desde a fidelidade quase absoluta com o seu referente do primeiro, ou desde a mera inspiração para desenvolver a história do segundo, ambos os filmes compartilham umha boa quantidade de traços comuns entre si e com os romances.

Um estilo sujo, de ambientação verista, em que a cidade devém mais um protagonista da narração, sobretudo no filme de Rosenberg e na sua descrição de São Francisco como cidade do pecado, como um lugar associado à perversão. O cinzento substitui o preto, e o romantismo do detetive clássico vira para a figura sen aura dum polícia cansado e por vezes melancólico, que já nom encontra mulheres fatais, mas que, aliás, tem de lidar com umha problemática vida familiar. O trabalho policial desmitifica-se, e os fil-

mes fixam-se na rotina, multiplicam as pistas falsas, os caminhos sem saída, os tempos mortos e as casualidades como motor de resolução dos crimes.

Mas se quadra é mais interessante reparar nos desvios. No filme de Rosenberg prima o individual sobre o trabalho coletivo, e carrega nas tintas num pitoresco retrato urbano. E no filme de Widerberg, apesar da sua literalidade, prima a ação sobre o que por momentos no romance tomava forma de crónica documental da tortura policial, algo que se observa numha significativa mudança de título (o do romance, *O abominável homem de Säffle*, alude à figura dum agente que utilizava métodos violentos). Nos dous filmes, o que aparece diluído é o componente de crítica institucional, de descrição do funcionamento da polícia. Tentárom-nos outros filmes da época, como os crus retratos da corrupção filmados por Lumet, ou a veracidade quase documental que mostra Fleischer em *Os novos centurions*, mas ficam um par de degraus a percorrer para chegar à sistematidade foucaultiana de *The Wire*. “Os nossos romances eram mais políticos do que policiais”, dizia Sjöwall numha entrevista recente. Umha mágoa, as suas adaptações fílmicas evitárom assumir isto, e decidírom inverter a equação.